

8. AÇÃO CARITATIVA, SEGREDO DO APOSTOLADO CRISTÃO

O Decreto *Apostolicam Actuositatem*, concluindo o Capítulo II, se volta para a caridade. Todo o apostolado está fundamentado para as obras caritativas. Já tratamos das virtudes teológicas no número 4, quando recordamos que a caridade move a todos para a fraternidade apostólica. Agora o Decreto nos lembra que toda ação apostólica leva à conversão viva da caridade, como expressão de toda a evangelização. Eis o texto que fundamenta a ação:

“Toda a atividade apostólica deve fluir e receber força da caridade; algumas obras, porém, prestam-se, por sua própria natureza, a tornarem-se viva expressão dessa caridade. Cristo quis que elas fossem sinais da sua missão messiânica (cfr. Mt. 11, 4-5).

O maior mandamento da lei é amar a Deus de todo o coração, e ao próximo como a si mesmo (cfr. Mt. 22, 37-40). Cristo fez deste mandamento do amor para com o próximo o seu mandamento, e enriqueceu-o com novo significado, identificando-se aos irmãos como objeto da caridade, dizendo: «sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes» (Mt. 25, 40). Com efeito, assumindo a natureza humana, Ele uniu a si como família, por uma certa solidariedade sobrenatural, todos os homens e fez da caridade o sinal dos seus discípulos, com estas palavras: «nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (Jo. 13, 35)”.

A caridade é o fundamento de todo o apostolado, mas alguns ações são caracterizadas por uma caridade de profunda marca que se sobressai, de forma altruísta, em toda a ação. O próprio Cristo a identifica como a maior de todas como sendo a marca do amor. Ele se identifica como a caridade, de tal modo que não se separam: amar o próximo é amar a Cristo, amar o Cristo é amar o próximo. No apostolado se não tiver a marca da caridade não pode ser chamado apostolado, que é uma *solidariedade sobrenatural*. Não existe apostolado que não seja atrelado a Cristo. Na Nova Lei do Amor passa a ser caracterizada na vida da Igreja. Vejamos a continuação do número 8:

“A santa Igreja, assim como nos seus primeiros tempos, unindo o «ágape» à Ceia eucarística, se mostrava toda unida a Cristo pelo vínculo da caridade, assim em todos os tempos é reconhecida por este sinal do amor. E alegrando-se com as realizações alheias, ela reserva para si, como dever próprio e direito inalienável, as obras de caridade. Por isso, a misericórdia para com os pobres e enfermos e as chamadas obras de caridade e de mútuo auxílio para socorrer as múltiplas necessidades humanas são pela Igreja honradas em estima especial.

Estas atividades e obras tornaram-se muito mais urgentes e universais no nosso tempo, em que os meios de comunicação são mais rápidos, em que quase se venceu a distância entre os homens e os habitantes de toda a terra se tornaram membros em certo modo duma só família. A atividade caritativa, hoje, pode e deve atingir as necessidades de todos os homens. Onde quer que se encontrem homens a quem faltam sustento, vestuário, casa, remédios, trabalho, instrução, meios necessários para levar uma vida verdadeiramente humana, afligidos pelas desgraças ou pela doença, sofrendo o exílio ou a prisão, aí os deve ir buscar e encontrar a caridade cristã, consolar com muita solicitude e ajudar com os auxílios prestados. Esta obrigação incumbe antes de mais aos homens e povos que disfrutem de condição próspera”.

Com a globalização, a ação caritativa passa a ser uma imposição a todos os crentes, pois as necessidades dos emergentes é um grito que ecoa aos quatro cantos. Enquanto a concentração de riqueza faz os ricos mais ricos, a pobreza aumenta na mesma velocidade, chegando ao extremo da miséria humana. A carência dos bens necessários à sobrevivência apodera-se de tal velocidade sobre os pobres que grita aos céus. Os salários pagos a algumas classes sociais parece mais esmola do que remuneração justa para uma sobrevivida. São João Paulo II, em **Sollicitudo Socialis** denunciava: *“Uma das maiores injustiças do mundo contemporâneo consiste precisamente nisso: que são relativamente poucos os que possuem muito e muitos os que possuem quase nada. É a injustiça da má distribuição dos bens e dos serviços originariamente destinados a todos”*¹.

E o *Apostolicam Actuositatem* continua sua reflexão lembrando que somos todos imagem do mesmo Deus e irmãos do Cristo que é dado a todos sem distinção. É objeto da ação pastoral olhar para essas diferenças que bradam aos céus. Se teremos sempre pobres, não se pode condená-los à miséria suprema. Não é isso que Deus quer de nós, e Cristo disse aos seus: *“Dai-lhes vós mesmo de comer”*². A ação pastoral é confirmada pelas obras. Não é suficiente a pureza de intenção, requer uma perfeita obra de caridade, como continua o Decreto:

“Para que este exercício da caridade seja e apareça acima de toda a suspeita, considere-se no próximo a imagem de Deus, para o qual foi criado, veja-se nele a Cristo, a quem realmente se oferece tudo o que ao indigente se dá; atenda-se com grande delicadeza à liberdade e dignidade da pessoa que recebe o auxílio; não se deixe manchar a pureza de intenção com qualquer busca do próprio interesse ou desejo de domínios; satisfaçam-se antes de mais as exigências da justiça, nem se ofereça como dom da caridade aquilo que já é devido a título de justiça; suprimam-se as causas dos males, e não apenas os seus efeitos; e de tal modo se preste a ajuda que os que a recebem se libertem a pouco e pouco da dependência alheia e se bastem a si mesmos”.

A caridade é universal, não se trata de justiça, que é devida a todos, mas de olhar com misericórdia os necessitados. Aos leigos é feito um apelo individualizado para que não se caíam, mas se sensibilizem com o sofrimento dos marginalizados, como termina o capítulo II:

“Tenham, por isso, os leigos em grande apreço e ajudem quanto possam as obras caritativas e as iniciativas de assistência social, quer privadas quer públicas, e também internacionais, que levam auxílio eficaz aos indivíduos e aos povos necessitados, cooperando neste ponto com todos os homens de boa vontade”.

A ação caritativa deve levar a pessoa a se libertar, e não conservá-la como incapaz, alguém que jamais se livrará da miséria. A caridade está na promoção humana, fazendo-a descobrir os seus valores.

¹ SRS, 28

² Mc 6,37